

BREVEMENTE NESTE CINEMA | FILMES PORTUGUESES EM CÓPIAS NOVAS

COM A LINHA DE SOMBRA | CINEMATECA JÚNIOR

Cinemateca



abril 2021

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

A sessão de dia 24 de abril é uma sessão deveras especial porque reabrimos a nossa sala de cinema depois de três longos meses de fecho devido à situação de pandemia, e também porque queremos antecipar convosco o festejo do 25 de Abril, dia da Liberdade!

Vamos fazê-lo mostrando um filme de animação brasileiro recente, que através de uma história cheia de aventuras e emoções, nos faz refletir sobre o mundo atual e sobre como é importante saber conservar sempre, com coragem e esperança, o espírito de amizade e de solidariedade para com os outros.

A todos parecerão familiares muitas imagens do “surto” que acontece no filme, mas na verdade a epidemia nada tem a ver (ou terá?) com a Covid-19, até porque TITO E OS PÁSSAROS estreou antes, em 2018, e demorou anos a fazer...

A epidemia de que fala o filme é antes o alastrar do medo do Outro, uma “doença” que pode ser alimentada deliberadamente pelos “vilões” para seu proveito pessoal e que paralisa e entristece todos os que se deixam contaminar. Que reaprendamos com os pássaros que “juntos a gente fica mais forte”!

► Sábado [24] 11h00 | Salão Foz

TITO E OS PÁSSAROS

de Gustavo Steinberg, Gabriel Bitar, André Catoto

Brasil, 2018 – 73 min / falado em português do Brasil | M/6

Tito é um menino de 10 anos que mora com a mãe e partilha com o pai, desaparecido, a paixão por pássaros e pela invenção de uma máquina para decifrar a linguagem destes. De repente, surge uma estranha doença que deforma e paralisa as pessoas quando estas sentem medo, que alastra como uma terrível epidemia. Tito está convencido de que os pombos de rua, que desde sempre acompanham os seres humanos, podem ajudar os homens a encontrar a cura – se conseguirmos entender a sua língua esquecida... Enquanto os vilões tentam espalhar o medo e lucrar com a epidemia, Tito resiste e, com a ajuda dos amigos, inicia uma aventura para salvar o mundo e reencontrar o pai. O filme recebeu o prémio do público no festival Mostra de 2019.

Acesso às sessões

Regras para venda antecipada de bilhetes e “Amigos da Cinemateca”, e sistema de acesso a bilhete e refeição no Bar/Restaurante 39 Degraus

Os horários das sessões da Cinemateca em abril voltam a refletir as restrições decorrentes do estado de emergência ainda em vigor à data da preparação deste programa mensal. Assim, a Cinemateca Portuguesa terá apenas duas sessões diárias de segunda a sexta-feira (nos horários fixos das 15h30 e 19h00) e apenas uma ao sábado (às 11h00).

Tal como aconteceu desde o primeiro mês de acessos condicionados, voltamos a promover e a aconselhar a compra antecipada de bilhetes, procurando com isso minimizar a aglomeração de pessoas no período que antecede a sessão, nomeadamente através da compra “online” em www.cinemateca.bol.pt

Voltamos a chamar a atenção para o facto de os bilhetes adquiridos corresponderem a lugares marcados, que respeitarão as normas em vigor sobre o intervalo obrigatório entre espectadores. Desde outubro de 2020, deixámos de admitir a exceção dos grupos de coabitantes para adotar o sistema “em xadrez” que no atual contexto de pandemia tem sido praticado pela generalidade das salas de cinema e de espetáculo.

Garantindo a manutenção do benefício de reserva prévia aos portadores de cartão «amigos da cinemateca» válido, a data de início de venda de bilhetes na bilheteira da Cinemateca é 8 de abril nos horários abaixo indicados. Durante o mês de janeiro continua suspensa a opção da Cinemateca de cativação de um conjunto de bilhetes para venda no próprio dia da sessão e apenas na bilheteira local.

Quanto ao acesso combinado sessão-refeição, mantém-se um sistema de desconto automático nos menus praticados pelo restaurante para quem assista a qualquer uma das sessões do dia (ver condições específicas no Bar/Restaurante 39 Degraus, <https://39degraus.pt>).

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39) | Horário: de 8 a 16 de abril, de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 18h30 e das 10h00 às 11h00 de sábado, dia 24 de abril; de 19 a 30 de abril, de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 15h30, das 17h30 às 19h30.

Bilheteira Local (Salão Foz – Praça dos Restauradores) | Horário: de segunda a sexta-feira, das 10h00 às 17h00 sábados das 10h00 às 13h00

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis: Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00€

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

► ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA.....	2
BREVEMENTE NESTE CINEMA.....	3
COM A LINHA DE SOMBRA.....	7
CALENDÁRIO.....	8

► CAPA AS ARMAS E O POVO [Portugal, 1975]

► AGRADECIMENTOS

Alexander Kluge, João Pedro Rodrigues, Manuela Serra, Pablo Llorca, Ricardo Aibéo, Diana Kluge (Deutsche Kinemathek); Nuno Rodrigues (Agência da Curta Metragem), Anáís Desrioux, Annouchka de Andrade, António Preto, Ricardo Vieira Lisboa (Casa do Cinema Manoel de Oliveira), Vincent Pauval, Mafalda Melo (IndieLisboa), Sílvia Balea (Instituto Franco-Português), Katia Adler (Festa do Cinema Francês).



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA



LAVE E DESINFETE AS MÃOS COM REGULARIDADE



MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO FÍSICO



SIGA OS TRAJETOS ASSINALADOS



DÊ PREFERÊNCIA ÀS ESCADAS



OPTE POR PAGAMENTOS ELETRÓNICOS



WCs E AS SUPERFÍCIES DAS ÁREAS COMUNS
SÃO REGULARMENTE LIMPAS E DESINFECTADAS



ABRIL, CINEMATECA REABERTA

Após novo encerramento da sua atividade de programação em sala em resultado das medidas de combate à pandemia, a Cinemateca reabre num mês particularmente simbólico para a nossa história coletiva recente. Mais de três meses passados sobre a última sessão realizada, retomamos a possibilidade de assistirmos novamente juntos ao cinema em sala como um reencontro com uma dimensão fundamental da vida em sociedade, mesmo que ainda sob os condicionalismos que vigoravam antes dessa suspensão (distanciamento físico, lotação reduzida, uso obrigatório de máscara, restrições de horário).

Iniciando-se já com mais de metade do mês de abril decorrido e apenas com duas sessões diárias de segunda a sexta-feira e uma ao sábado de manhã, o programa desta reabertura não será ainda próximo do modelo de programação tradicional da Cinemateca nem sequer igual ao que fizemos nos meses entre julho de 2020 e janeiro de 2021 (ao qual contamos poder regressar já em maio). Por essa razão, optámos, em vez da habitual organização entrecruzada de um ou dois grandes ciclos com outros programas mais curtos (ciclos, rubricas, sessões especiais), por uma programação de abril assente em três ideias que congregam os filmes que vamos apresentar sem constituírem por si próprias ciclos. A primeira delas — sob o nome de Brevemente neste Cinema — serve para antecipar alguns dos principais programas que a Cinemateca preparou para 2021 e que contamos venham a ser lançados a partir de maio. A segunda tem por mote a atividade editorial sobre cinema e faz acompanhar o lançamento na livraria Linha de Sombra de dois novos livros publicados pela Cinemateca e de um terceiro livro sobre cinema português com sessões em sala. A terceira linha de força deste programa faz-se da exibição de alguns títulos portugueses em cópias novas resultante do trabalho de preservação e restauro do nosso serviço de arquivo.

BREVEMENTE NESTE CINEMA

A “temporada” que a Cinemateca prevê apresentar em 2021 — assim o permita a evolução da pandemia — trará retrospectivas abrangentes de realizadores de diferentes épocas e geografias da história do cinema (alguns deles nunca ou raramente mostrados na Cinemateca) e programas temáticos de natureza muito diversa. A apresentação dos principais ciclos programados para 2021 (outros haverá que serão posteriormente anunciados) é feita em abril com uma sessão dedicada a cada uma dessas *coming attractions* que abaixo (sem nenhuma ordem particular) se enunciam em maior detalhe.

Os Mares da Europa

Previsto para janeiro e fevereiro e não tendo chegado a iniciar-se por coincidir com o princípio do segundo confinamento, o Ciclo Os Mares da Europa terá a sua abertura oficial no primeiro dia em que a Cinemateca retoma a sua programação em sala, com a exibição de *FINIS TERRAE*, de Jean Epstein, para depois continuar em maio. É um extenso ciclo de cinema (cerca de 40 filmes) sobre a presença do mar nas diversas cinematografias europeias, de Portugal à Europa de Leste, do cinema mudo ao cinema contemporâneo, já que a temática marítima alimentou de forma profunda muita da melhor ficção e do melhor documentário europeu, servindo tanto como centro dessas narrativas como de elemento plástico e poético inextricável dessas obras. O programa Os Mares da Europa está integrado na programação cultural da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia 2021.



Alexander Kluge

Uma sessão que antecipa a retrospectiva da vastíssima obra cinematográfica de Alexander Kluge, organizada em colaboração com a Casa do Cinema Manoel de Oliveira/Fundação de Serralves, que acolherá ainda a primeira exposição da obra de Kluge em Portugal, uma instalação inédita constituída por vários filmes intitulada *A Política dos Sentimentos*. Alexander Kluge (n. 1932), que contamos poder receber na Cinemateca em julho, é um dos mais importantes nomes do cinema contemporâneo, que, desde os anos cinquenta, tem desenvolvido uma obra multidisciplinar que atravessa a literatura, a filosofia e o cinema, passando pela produção de programas culturais para televisão. Próximo de Theodor Adorno ou de Jürgen Habermas e da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, Kluge foi um dos signatários do Manifesto de Oberhausen (1962) e um dos precursores do Novo Cinema Alemão. Das mais conhecidas longas-metragens, aos muitos filmes produzidos em vídeo nas últimas décadas, todo o seu prolixo trabalho revela uma profunda reflexão sobre a contemporaneidade e sobre a História recente da Europa e da Alemanha, no seu cruzamento com a história do cinema e um questionamento das próprias imagens, reinventando continuamente os modos de fazer cinema (e televisão). Trata-se de um cinema crítico de pendor progressivamente mais ensaístico, assente na colagem de géneros e de materiais, que revelaremos ao longo de uma retrospectiva muito abrangente, que atravessará as várias fases da sua obra, incluindo os trabalhos mais recentes. Em modo de antecipação, apresentamos em abril a versão curta (sendo a versão original, de nove horas e meia, exibida posteriormente no Ciclo) de NOTÍCIAS DA ANTIGUIDADE IDEOLÓGICA: MARX, EISENSTEIN, 'O CAPITAL', o filme que parte do ambicioso projeto cinematográfico que S.M. Eisenstein nunca realizou.”



Allan Dwan

Allan Dwan, tido como o mais prolífico cineasta de todos os tempos, é creditado como realizador em mais de 1600 títulos, desde os primórdios (anos 1910) até 1961. Foi um dos pioneiros da indústria cinematográfica americana, que ele próprio ajudou a estabelecer, sobretudo durante os tempos em que trabalhou sob os auspícios de David Wark Griffith, de quem foi um colaborador fundamental na busca de soluções técnicas. O seu trabalho como realizador, cruzando diversas décadas, faz um percurso por todo o classicismo americano, e termina no momento em que esse edifício clássico começava a desmonorar-se. Polivalente e eclético, Dwan tocou todos os géneros – do musical ao filme de guerra, do melodrama ao *noir*, do *western* à comédia. Nos anos vinte foi um dos realizadores da primeira linha de Hollywood, especialmente apreciado por algumas das maiores vedetas da altura, como Gloria Swanson ou Douglas Fairbanks. Nas décadas finais, a partir dos anos quarenta, foi um realizador ao serviço de produtores independentes, trabalhando em *low budget* naqueles que terão sido os filmes em que encontrou maior liberdade. Esta obra imensa, a que toda a aproximação será sempre lacunar, nunca teve na Cinemateca uma abordagem em extensão. O Ciclo que preparamos, e onde contamos mostrar cerca de meia centena de títulos, deverá ser a mais extensa retrospectiva Allan Dwan alguma vez apresentada em qualquer lugar. Antecipando esse festim cinéfilo previsto para o final de 2021, mostramos em abril o extraordinário THE RIVER'S EDGE.

Chris Marker

Cineasta, fotógrafo, viajante, editor, artista multimédia, Chris Marker (1921-2012) foi um dos criadores mais multifacetados que se afirmou no cinema na segunda metade do século XX, desde a sua associação com Resnais para a realização de LES STATUES MEURENT AUSSI (1953). Assinalando-se este ano o centenário do seu nascimento, Marker foi o grande cronista do pós-Segunda Guerra em imagens, desenvolvendo um cinema muito pessoal que contribuiu determinadamente para a renovação do documentário e teve uma imensa influência nas correntes mais ensaísticas do cinema contemporâneo. Entre as dezenas de filmes e de obras para televisão que realizou (e as muitas em que colaborou), destaca-se uma profunda militância política, que resultou na sua associação a vários coletivos, mas também um profundo amor pelo cinema. Herdeiro da tradição soviética dos anos vinte, Marker é antes de mais um cineasta da montagem, em cujo universo se manifesta a importância do tempo e da memória, na sua articulação com uma História feita de imagens e sons, como revela o seu mais famoso filme, LA JETÉE (1962). É entre esta ficção assente quase integralmente em imagens fotográficas, uma miríade de filmes muito pouco vistos, e outros títulos mais conhecidos como as longas SANS SOLEIL (1982) ou LEVEL 5 (1995), que se apresenta em 2021 na Cinemateca uma retrospectiva integral da obra do cineasta. Para a introduzir neste mês de abril, escolhemos LE FOND DE L'AIR EST ROUGE (1977), fresco sobre os movimentos revolucionários da década que o precedem, que culmina com palavras de ordem da Revolução Portuguesa, “O Povo Unido Jamais Será Vencido”.





Jacqueline Audry

Realizadora francesa de uma curta-metragem documental e 16 longas de ficção entre 1943 e 1969, Jacqueline Audry (1908-1977), a única mulher a ter uma produção regular em França em meados do século XX, desapareceu da história do cinema durante largas décadas, não obstante a popularidade de alguns dos seus filmes. Talvez por ter ficado entalada entre o cinema do pós-guerra e a *Nouvelle Vague* franceses, talvez pela elegância *Belle Époque* de algumas das suas adaptações literárias – hipóteses recentemente adiantadas –, desapareceu do radar. A atenção agora reclamada deve-se ao empenho de realizadores como Bertrand Tavernier (*VOYAGE e VOYAGES A TRAVERS LE CINÉMA FRANÇAIS*, 2015/18), a autores como Brigitte Rollet (*Jacqueline Audry; La femme à la caméra*, 2015), à digitalização e consequente possibilidade de divulgação alargada dos filmes. Marcada pela liberdade de abordagem, pela emancipação feminina, o papel das mulheres e a sexualidade, é uma obra surpreendente e ousada, que compreende o filme histórico, a comédia dramática, a comédia policial ou o filme político. Sobre os seus filmes, Audry afirmou retrospectivamente que “tiveram por objeto as relações passionais entre os seres”. Sobre o percurso firmado num mundo eminentemente masculino, sintetizou: “Toda a minha vida profissional foi uma espécie de torneio, tive de guerrear muito.” A retrospectiva, que terá lugar em outubro em colaboração com a 22ª Festa do Cinema Francês, é antecipada em abril com a apresentação de HUIS-CLOS.

Lois Weber

Um dos nomes mais sonantes dos primeiros anos do mudo era uma mulher. Chamava-se Lois Weber, fundou o próprio estúdio com base no sucesso alcançado pelas suas produções, mas nunca se vergou às fórmulas de Hollywood. O cinema de Weber aparece-nos hoje como um compêndio dos problemas sociais que afligiam a sociedade americana de então, dotado de uma sensibilidade política que Weber terá adquirido quando, na qualidade de voluntária em “missões” que prestavam assistência aos mais pobres em Nova Iorque, se deparou com um país real manchado por vários “borrões”, para citar o título do seu filme *THE BLOT* (que mostramos em abril), que deviam ser encarados e extirpados, a saber: desemprego, fome, doença, vício das drogas, prostituição, aborto... e acrescenta uma visão nada romântica sobre a instituição matrimonial. Esta “lista de encargos” ilustra a audácia política do seu cinema, isto é, dos cerca de 140 filmes que realizou, alguns em parceria com o marido, o também ator Phillips Smalley, mas não é suficiente para dar conta da extensão dos recursos visuais e narrativos que lhe dão nome e a colocam entre os cineastas mais experimentais do seu tempo, ao lado de D. W. Griffith e Erich von Stroheim. *SUSPENSE* talvez seja o epítome de uma arte cinética que ainda deslumbra pela sua sofisticação formal, patente na utilização da montagem alternada para fins dramáticos e em prodigiosos efeitos de montagem, como o *split screen* que rasga o plano em três partes. A faceta humanista desta cineasta teve uma das suas expressões máximas em *SHOES*, história de uma mulher sem dinheiro para substituir os seus velhos sapatos, sendo, até à data, o único dos seus filmes alguma vez exibido na Cinemateca Portuguesa.



Pál Fejos

É comum encontrar, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, cineastas que fizeram as suas obras num trânsito quase permanente. Mas poucos terão tido um trânsito tão intenso como o húngaro Pál Fejos. A sua obra começa na Hungria, nos anos vinte, onde foi contemporâneo de Michael Curtiz, quando este ainda era Mihaly Kertesz. E, como Curtiz, também Fejos seguiu para Hollywood, no final dos anos vinte, onde chegou em pleno período de transição do mudo para o sonoro. Não esteve em Hollywood mais do que dois ou três anos, o tempo suficiente para assinar meia dezena de filmes e nomeadamente duas obras-primas que são fundamentais também no contexto do cinema americano daquele período de transição: *LONESOME* e *BROADWAY*. Fejos regressou à Europa no princípio dos anos 30, e filmou em Paris, em Viena (onde fez o belíssimo *SONNENSTRAHL*, que agora mostramos como cartão de visita da retrospectiva), e de novo em Budapeste. Daí seguiu para Copenhaga, como imigrante convidado a trazer a sua experiência para a indústria dinamarquesa. O relativo fracasso que encontrou levou-o a voltar as costas ao cinema de estúdio, ao cinema industrial. Dedicou-se a outra das suas paixões, a antropologia, rodando até meados dos anos trinta uma série de filmes documentais que foram o produto de expedições à África, à Ásia, à América do Sul, e que fazem dele um nome central entre os pioneiros da relação entre o cinema e a etnografia. Esta obra heteróclita e surpreendente será o foco de um ciclo, que pretendemos significativo dos vários tempos do trabalho de Fejos, e que representará, para os espectadores da Cinemateca, a revelação de um cineasta excepcional ainda insuficientemente divulgado.



Peter Bogdanovich

Peter Bogdanovich, nascido em 1939, foi uma figura central da “nova Hollywood” que despontou nos anos 1970. Com *THE LAST PICTURE SHOW*, estreado em 1971, foi mesmo o responsável pela abertura das portas de Hollywood a toda uma nova geração de cineastas que estava na altura a entrar na faixa dos 30 anos. Ao contrário de outros casos, que se tornaram muito mais conhecidos do grande público e tiveram percursos muito mais bem sucedidos, Bogdanovich lidou com o fracasso (crítico e de bilheteira) frequentemente, razão porque a sua obra, para além de um outro ponto alto, tem ainda zonas de muito intermitente visibilidade. Mas é uma obra central no cinema americano das últimas décadas do século XX, tanto mais que Bogdanovich, cinéfilo com profunda admiração pelo cinema clássico americano, tentou fazer a síntese entre a modernidade dos novos tempos e a herança do classicismo, revisitando géneros em desuso e construindo vários filmes sobre a ruína do edifício clássico. Para além de *THE LAST PICTURE SHOW* (e do seu par, *TEXASVILLE*, rodado vinte anos depois), *THEY ALL LAUGHED*, *PAPER MOON* (filme que escolhemos para antecipar a retrospectiva), *DAISY MILLER*, *WHAT'S UP DOC?* são filmes que põem em evidência um discurso sobre a forma do cinema e sobre o que, a partir delas, se revela da história da sociedade americana. Contamos voltar a esta obra, acompanhada por uma carta branca, na presença do próprio Peter Bogdanovich.

Sarah Maldoror

Em setembro, a filmografia de Sarah Maldoror (1929-2020) será objeto de uma retrospectiva praticamente integral organizada pela Cinemateca em colaboração com o Festival IndieLisboa, oportunidade para mergulhar na obra desta cineasta com papel determinante nas lutas contra o colonialismo e na afirmação da negritude. Dando eco às obras dos poetas (e políticos) Aimé Césaire, Léopold Senghor ou Léon G. Damas, aos quais dedicou vários filmes entre os muitos retratos de artistas que realizou, Maldoror foi uma extraordinária voz deste movimento político, social e artístico que, desde os anos sessenta, promoveu uma cultura negra associada ao anticolonialismo e ao panafricanismo, em que o surrealismo tem também lugar importante. Filha de pai antilhano e de mãe francesa, Sarah Ducados adoptou o pseudónimo Maldoror em homenagem a Lautréamont, o autor de *Os Cantos de Maldoror*, e começou por se dedicar ao teatro, cofundando em 1956 a companhia de teatro Les Griots, a primeira composta unicamente por atores negros. Companheira do poeta e fundador do MPLA, Mário Pinto de Andrade, estudou cinema no VGIK em Moscovo (ao lado de Ousmane Sembène), envolvendo-se nos movimentos de libertação em África. Assistente de realização em títulos fundamentais de um cinema anticolonial, como *A BATALHA DE ARGEL* (1965), de Gillo Pontecorvo, ou *FESTIVAL PANAFRICAIN D'ALGER* (1969), de William Klein, as suas primeiras e mais conhecidas ficções, *MONANGAMBÉ* (1969) e *SAMBIZANGA* (1972), denunciam abertamente a violência do sistema colonial português. Já depois das respetivas independências, Maldoror filmará em Cabo Verde e na Guiné-Bissau os vários filmes que compõem a sessão que agora realizamos em abril. Annouchka de Andrade, filha de Sarah Maldoror, estará em Lisboa para acompanhar a retrospectiva, que incluirá raridades e alguns filmes inéditos, cujo paradeiro foi recentemente descoberto, que anunciaremos com mais detalhe nesta sessão.



Canções

Em certos filmes, certas canções irrompem e suspendem, impregnando, a ação, a atmosfera, o movimento das coisas. Uns e outros tornam-se, por vezes, ligações diretas. À volta de canções, numa ideia ligeira, será um programa de verão de toadas (re) conhecidas em momentos particulares, como o de *I'm on Fire* de Springsteen no *PALOMBELLA ROSSA* de Moretti (também podia ser o do *Famous Blue Raincoat* de Cohen no *MIA MADRE*), *As Tears Goes By* de Mick Jagger e Keith Richards por Marianne Faithfull em *MADE IN USA* de Godard, o bolero *Sabor a Mí* no *FIO DO HORIZONTE* de Fernando Lopes ou uma versão espanhola de *Crying* de Roy Orbison em *MULHOLLAND DRIVE*, que vamos ouvir em abril. À regra, as suas exceções, de que são exemplo os temas do assobio de M de Lang ou o de Herman Hupfeld no *CASABLANCA* de Curtiz, *As Time Goes By*. Pensado para noites de projeção ao ar livre na Esplanada 39 Degraus.

A Casa

A “Casa”, como lugar físico e simbólico, centro aglutinador da narrativa ou, mesmo, sua personagem: eis o tema que com este ciclo pretendemos abordar. Não é um Ciclo sobre arquitetura, não é a descrição de propriedades arquitetónicas aquilo que procuramos, sem prejuízo de também essa vertente estar presente. Antes, o carácter ambivalente do tratamento cinematográfico do tema: uma casa tanto pode ser um espaço de conforto, “lar, doce lar”, como, e bem o sabemos desde há um ano, um espaço de confinamento, uma pequena prisão. Incluiremos, portanto, filmes que exploram esta duplicidade, que a enquadram numa visão ambígua de temas conexos como a “Família” — títulos como REBECCA de Alfred Hitchcock ou THE MAGNIFICENT AMBERSONS de Orson Welles. Sem esquecer que foi frequentemente um cenário de predileção — justamente por essa turva fronteira entre o “familiar” e o “secreto” — para o cinema fantástico (THE HAUNTING, de Robert Wise, por exemplo), e noutras ocasiões o pretexto para a exploração e exatidão de um *décor* (THE LADIES MAN, de Jerry Lewis). Finalmente, a Casa é também uma instância que se presta à biografia e ao diário: uma secção do Ciclo dedicar-se-á a filmes em que os realizadores filmam as suas próprias e reais casas, a começar por Manoel de Oliveira e VISITA, OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES, que revisitamos em abril.



O Cinema Italiano, Lado B

Brevemente... nesta sala propomos, e parafraseando Martin Scorsese, uma outra viagem a Itália. Não é novidade para ninguém que a cinematografia italiana é todo um manancial, com muito por (re)descobrir e cuja riqueza está — também — na sua diversidade. Ao longo dos mais de 40 anos de exposições na Barata Salgueiro, estamos muito, mas mesmo muito longe de esgotar esse filão. Mas temos de começar por algum lado. Assim, para esta nossa “viagem” estabelecemos três regras. A primeira, e porventura, a mais polémica: a sua delimitação temporal (1945-1980), ou seja, a época de ouro desta cinematografia. A segunda: não incluir obras dos grandes mestres (Rossellini, Visconti, De Sica, Antonioni, Pasolini, Fellini, Bertolucci, Olmi e Zurlini) que, por isso mesmo, têm tido, ao longo dos anos, maior visibilidade nesta sala. A terceira: não incluir obras de géneros intrinsecamente característicos do cinema italiano deste período: *western-spaghetti*, *peplum* e *giallo*. Assim, neste Ciclo incluímos um conjunto de filmes de realizadores chamados de segunda linha. Alguns mais “cá de casa” (Dino Risi, Mario Monicelli, Antonio Pietrangeli), outros nem tanto (Marco Ferreri, Ettore Scola, Luigi Comencini, Raffaello Matarazzo), outros muito esquecidos (Luigi Zampa, Alberto Lattuada, Pietro Germi — de quem escolhemos o ferocíssimo SEDOTTA E ABBANDONATA para apresentar em abril o ciclo —, Elio Petri, Lina Wertmüller, Luciano Emmer, Alessandro Blasetti, Mauro Bolognini). E, claro, como não podia deixar de ser, Totò.

No Coração do Noir

Depois do melodrama e da comédia nos dois anos transatos, o capítulo recorrente de programação “Revisitar os Grandes Géneros” dedica-se, em 2021, ao *film noir* que — precise-se — é discutível que seja exatamente um *género* já que, acentuadamente policial, atravessa vários outros, mas que se afirmou em tempos de guerra, pós-guerra e Guerra Fria como um poderoso universo cinematográfico, significativamente alimentado pelos então exilados europeus em Hollywood. Revelado pelo olhar francês sobre visões americanas (o termo *film noir* foi primeiramente cunhado em França, em 1946, por Nino Frank, e vingou sobre *dark cinema* ou *cinema negro*), o *noir* centra-se genericamente na idiosincrasia de situações, emoções ou personagens cruas, contraditórias, obsessivas, violentas à superfície e em profundidade, tratados num estilo visual que as contamina e as salienta confluindo num imaginário de sombras. O programa decorrerá em dois passos, “No Coração do Noir” e “Disponíveis para o Noir”. O primeiro incide no fulcro do cinema hollywoodiano dos anos 1940 e cinquenta (de STRANGER ON THE THIRD FLOOR de Boris Ingster a ODDS AGAINST TOMORROW de Robert Wise), propondo maioritariamente títulos sonantes da grande produção e da série B americana da época clássica será antecipado em abril através do filme THE LOCKET.



Disponíveis para o Noir

O fulcro clássico do *noir* americano foi lastrando noutros pesadelos e muitas paragens, que dobraram o século XX e, revisitando ou reinventando, continuam a projectar-se, em declinações *neo* e *néon*. Este programa incide especialmente nas cinematografias francesa, britânica e japonesa atraídas pelo *noir* hollywoodiano, balizando-se nas duas décadas que decorreram entre 1947 e 67. Além das incursões geográficas mencionadas (em filmes de John Boulting, Alberto Cavalcanti, Carol Reed, Jules Dassin, Terence Fisher, Henri Decoin, Jacques Becker, Julien Duvivier, Louis Malle, Gilles Grangier, Pierre Chenal, Jean-Pierre Melville, Koreyoshi Kurahara — de quem apresentamos em abril "INTIMIDAÇÃO" —, Akira Kurosawa, Teruo Ishii, Yoshitaro Nomura, Seijun Suzuki), dar-se-á um salto à Suécia, onde Edith Carlmar estreou a linhagem *noir* em 1949 (DØDEN ER ET KJÆRTEGN / "A MORTE É UMA CARÍCIA"), e à Coreia, com Shin Sang-ok (JIOKHWÁ / "UMA FLOR NO INFERNO", 1958).

**Centenários**

O ano de 2021 é rico em centenários de atrizes e atores da primeira linha do cinema americano, inglês e francês. Ao longo de diferentes momentos do ano vamos assinalar a passagem dos 100 anos do nascimento de Jane Russell, Deborah Kerr, Simone Signoret, Yves Montand e Dirk Bogarde com programas dedicados a cada um deles e constituídos por uma dezena de algumas das suas mais marcantes interpretações no cinema. Em abril, antecipamos o centenário de Jane Russell num dos seus papéis mais emblemáticos em THE REVOLT OF MAMIE STOVER, de Raoul Walsh.

**Brevemente
neste cinema**



► Segunda-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE REVOLT OF MAMIE STOVER

Mulher Rebelde

de Raoul Walsh

com Jane Russell, Richard Egan, Joan Leslie

Estados Unidos, 1956 – 93 min

legendado em português | M/12

Jane Russell e Walsh, de novo juntos após THE TALL MEN, num dos mais sugestivos retratos femininos da rica galeria do realizador, filmado em magníficas cores. Mamie Stover é uma prostituta que fez fortuna em Honolulu depois do bombardeamento de Pearl Harbor e que, como outras heroínas de Walsh, terá de escolher entre a fortuna e o homem que ama. Jane Russell tão inesquecível e tão carnal como sempre.

► Segunda-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA MER (BAIGNADE EM MER)

de Louis e Auguste Lumière

França, 1895 – 1 min / mudo

A SEA CAVE NEAR LISBON

A Boca do Inferno em Cascais

de Harry Short

Portugal, Reino Unido, 1896 – 1 min / mudo

FINIS TERRAE

de Jean Epstein

com pescadores do arquipélago de Ouessant

França, 1929 – 80 min

mudo, intertítulos em francês e legendagem eletrónica em português

duração total da projeção: 82 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

“A abrir a primeira sessão de Os Mares da Europa – iniciativa integrada na programação cultural da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia 2021 – mostramos dois exemplos remotos do interesse do cinema pelo mar: um filme que fez parte do programa da célebre primeira sessão pública dos irmãos Lumière e as imagens que o britânico Harry Short rodou na Boca do Inferno em Cascais. Teórico e realizador, Jean Epstein foi uma das mais importantes figuras do cinema francês no período mudo, realizando ao mesmo tempo filmes próximos do cinema experimental e documentários ou semi-documentários. Estes últimos, de que FINIS TERRAE faz parte, costumam ser ambientados no litoral da Bretanha. Epstein, que detestava atores, inventou o conceito de *paysage acteur* e utilizou unicamente não profissionais neste filme. Em FINIS TERRAE, a ténue trama narrativa (“a vida é feita de situações e não de histórias”, dizia Epstein) faz da paisagem marinha da Bretanha uma personagem dramática. LA MER e FINIS TERRAE são em cópias digitais.

► Terça-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RIVER'S EDGE

Matar para Viver

de Allan Dwan

com Ray Milland, Anthony Quinn, Debra Paget

Estados Unidos, 1957 – 87 min

legendado em português | M/12

THE RIVER'S EDGE é um filme barato, produzido em tempo record. Filme de cowboys, filme de sentimentos simples, de intriga reconhecível, “um regresso aos westerns iniciais”, com a sempre maravilhosa Debra Paget. Para Dwan, o cinema será sempre uma arte trabalhosa e plebeia. Este é um dos sete filmes que Benedict Bogeaus produziu com ele nos anos cinquenta, para muitos considerado o culminar do trabalho do grande Allan Dwan.

► Quarta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LOCKET

O Medalhão Maldito

de John Brahm

com Laraine Day, Brian Aherne,

Robert Mitchum, Gene Raymond

Estados Unidos, 1946 – 85 min

legendado em português | M/12

Caso típico do *noir* americano assinado pelo alemão John

Brahm na sua época hollywoodiana (para a RKO), com fotografia de Nicolas Musuraca, justamente conhecido pelo seu “trabalho noir”, THE LOCKET distingue-se pela complexidade narrativa alinhada com o interesse pela psicanálise. Tudo começa momentos antes da celebração de um casamento cuja noiva tem um passado a revelar pela intervenção inesperada de um psiquiatra que já fora seu marido. A ação progride por um encadeado de *flashbacks* e pontos de vista numa espiral do tipo matrisca, em que na narrativa da personagem de Brian Aherne (o ex-marido) se insere a de Robert Mitchum (um artista outrora noivo da mesma mulher, a quem é dado o plano mais memorável do filme) e, nesta, a memória de infância de Laraine Day (a protagonista), aparentada por trauma e consequência com a Marnie de Hitchcock.

► Quarta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SONNENSTRAHL

Raio de Sol

de Pál Fejos

com Annabella, Gustav Frölich

Alemanha, Áustria, 1933 – 87 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Pál Fejos (1897–1963) foi uma figura complexa e cosmopolita, que realizou filmes em diversos países, passando das superproduções de Hollywood a documentários de antropologia. O seu filme mais célebre é TAVASZI ZÁPOR (MARIA, LENDA HÚNGARA, 1932). Segundo Peter von Bagh, SONNENSTRAHL (também conhecido pelo título da sua versão francesa GARDEZ LE SOURIRE), “filme romântico e inexorável, é o equivalente europeu dos filmes feitos por Frank Borzage durante a Grande Depressão”. Em Viena, no meio do desemprego de massa, um homem e uma mulher encontram-se e, apesar de tudo, descobrem razões para continuar a viver: “o sol torna-se literalmente um raio de esperança, apesar da crueldade da máquina social”. A realização é típica do rico período que marca a transição do mudo para o sonoro. Gustav Frölich, o protagonista, é o ator que tem o papel principal em METROPOLIS, de Fritz Lang.

► Quinta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MULHOLLAND DRIVE

Mulholland Drive

de David Lynch

com Naomi Watts, Laura Harring, Justin Theroux

Estados Unidos, 2001 – 145 min

legendado em português | M/16

No início deste milénio, David Lynch partiu da ideia “de uma mulher que tenta tornar-se estrela em Hollywood e dá por si como uma detetive e possivelmente a entrar num mundo perigoso” e construiu um filme profundamente hipnótico, narrativamente assimétrico, abissalmente no limiar da realidade e do imaginário. Há uma chave azul, uma caixa azul, mas o rumo é a desorientação. Noutra Lynch, *Blue Velvet* de Bernie Wayne e Lee Morris na interpretação de Isabella Rossellini é encantatório, mas em MULHOLLAND DRIVE há uma canção para um lancinante momento em suspenso numa sala-cabaret com *Llorando*, por Rebekah Del Rio numa versão de *Crying* de Roy Orbison.

► Sexta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE FOND DE L’AIR EST ROUGE

de Chris Marker

França, 1977 – 180 min (montagem de 1996)

legendado em português | M/12

Pode filmar-se o “ar do tempo”? Chris Marker mergulhou nos arquivos e fez a crónica, simultaneamente épica e intimista, de dez anos (1967–1977) de contestação do sistema político-económico mundial. Uma montagem lírico-dialética da revolução em curso, da guerra do Vietname às manifestações de estudantes, de Che Guevara aos tanques de Praga, da tortura na América Latina aos bombardeamentos americanos, passando por breves imagens da Revolução Portuguesa. “Ao longo dos últimos dez anos, um determinado número de homens e de forças (por vezes mais instintivas que organizadas) tentaram tomar em mãos os seus destinos e inverter as peças do



jogo. Todos eles falharam nos terrenos que tinham escolhido. Apesar disso, a sua passagem foi aquilo que mais profundamente transformou as condições políticas do nosso tempo. Este filme não pretende senão colocar em evidência algumas etapas desta transformação.” (Chris Marker). Primeira exibição na Cinemateca desta última versão do filme, remontada pelo cineasta em 1996.

► Segunda-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ARU KYOUNHAKU

“Intimidação”

de Koreyoshi Kurahara

com Kô Nishimura, Nobuo Kaneko,

Mari Shiraki, Jun Hamamura

Japão, 1960 – 65 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Koreyoshi Kurahara (1927–2002) estreou-se na realização para a Nikkatsu em 1957 e foi aí que assinou o drama criminal de elementos *noir* ARU KYOUNHAKU, em que um ambicioso bancário se enreda num esquema de chantagem que o leva a organizar um assalto ao próprio banco confrontando-se com um subalterno movido pelo ressentimento vingativo. A acidez das reviravoltas narrativas engendradas na concentração da intriga tem lugar no Japão do pós-guerra, expondo o fundo corrupto pequeno burguês de uma sociedade ameaçada pela desagregação. Os meandros da história, o ambiente noturno e a firmeza da realização fazem reverberar motivos do cinema clássico americano. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► Terça-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PAPER MOON

Lua de Papel

de Peter Bogdanovich

com Ryan O’Neal, Tatum O’Neal, Madeline Kahn,

John Hillerman, P. J. Johnson, Randy Quaid

Estados Unidos, 1973 – 103 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Na terceira longa-metragem, Bogdanovich reincidiu na comédia e voltou ao preto e branco. O argumento parte de um romance de Joe David Brown (*Addie Pray*), decorrendo o filme durante o período da Grande Depressão no estado do Kansas, com Ryan e Tatum O’Neal (em estreia no cinema) a assumir, como na vida real, os papéis de pai e filha. Por aqui pairam sombras de Ford e de THE WIZARD OF OZ. “É justo, racional e salutar que neste filme, convocador de todas as memórias, se comece por invocar a memória de Dorothy-Judy Garland” (João Bénard da Costa).

► Terça-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HUIS-CLOS

de Jacqueline Audry

com Arletty, Gaby Sylvia, Franck Villard, Nicole Courcel,

Yves Deniaud, Danièle Delorme, Jean Debucourt

França, 1954 – 95 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A partir da obra original de Sartre, esclarece o plano inicial da sétima longa-metragem de Jacqueline Audry: “É o inferno segundo Jean-Paul Sartre. [...] e os carrascos são aqueles cuja presença nos é infligida. O inferno são os outros!” Rodado em Paris e na Côte-d’Azur, é o

filme em que três seres entre si desconhecidos, Inès (Arletty), Garcin (Franck Villard) e Estelle (Gaby Sylvia), são fechados no mesmo compartimento que será murado, compreendendo a maldição individual na companhia inelutável dos restantes e das memórias de cada um. Estas, terrenas, surgem na tela que se abre entre as cortinas da janela da sala de estar, como um ecrã de cinema. A ideia da projeção cinematográfica é verbalizada pelo "mordomo" que, sendo preciso, vai aparecendo na sala de estar até que a câmara suba num último movimento que fixa o infernal cenário entre os vapores do lugar dos mortos condenados a penas eternas. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SEDOTTA E ABBANDONATA

Seduzida e Abandonada

de Pietro Germi

com Saro Urzì, Stefania Sandrelli, Aldo Puglisi

Itália, 1964 – 118 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Germi entrega-se ao desfile do grotesco nesta *comedia all'italiana* regada a misoginia siciliana. Mordaz crítica social recheada de todo o tipo de abusos a uma jovem Stefania Sandrelli, já a desenhar-se estrela do género. A atriz encontra rival no seu fabuloso "pai" Saro Urzì (que venceu, aliás, o prémio de melhor ator em Cannes no ano de estreia do filme por esta interpretação e que reencontraremos uma década depois n' *O PADRINHO*), neste novelo familiar de desonra. Agnese é *sedotta* por Peppino (que é o mesmo que dizer violada) lançando a família numa tragédia sem nome. Momento definidor do filme, o diálogo que encerra a sua chave: "Tumore? — Onore", responde Vincenzo (Urzì) lançando a luz sobre a doença espalhada pelo tecido social do patriarcado vigente. Este tumor que é a honra, que em vez de matar devora todas as células lentamente. Sublimes movimentos de câmara e planos sobre os monstros, os rostos masculinos quase desfigurados, olhos esbugalhados, expostos na sua brutalidade primal. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NACHRICHTEN AUS DER IDEOLOGISCHEN ANTIKE: MARX – EISENSTEIN – DAS CAPITAL

"Notícias da Antiguidade Ideológica: Marx, Eisenstein, 'O Capital'"

de Alexander Kluge

com Hannelore Hoger, Charlotte Müller,

Oksana Bulgakowa, Hans Magnus Enzensberger

Alemanha, 2008 – 84 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Em 2008, Alexander Kluge retoma a ideia de S. M. Eisenstein de filmar *O Capital*, de Karl Marx, a partir da estrutura literária de *Ulisses*, de James Joyce. Um projecto que resulta numa investigação e num palimpsesto composto por material de arquivo, entrevistas várias e um cuidado trabalho gráfico, que, na sua versão mais longa, se articulam ao longo de cerca de dez horas. NACHRICHTEN AUS DER IDEOLOGISCHEN ANTIKE afirma-se assim como um título essencial para um debate multidisciplinar sobre cinema, ciência, literatura e ideologia à luz das teorias de Marx. Nesta sessão apresentaremos o filme na sua versão "para cinema" com cerca de hora e meia de duração. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Sexta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BLOT

de Lois Weber

com Philip Hubbard, Margaret McWade,

Claire Windsor, Louis Calhern

Estados Unidos, 1921 – 91 min

mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

Drama social e moral sobre a luta de classes e que marca o fim de uma empresa histórica: a Lois Weber Productions. Este foi, em Hollywood, o primeiro estúdio fundado por uma mulher, tendo dado ao mundo vários filmes que, sem pudor, abordaram problemas relacionados com iniquidades sociais e a condição feminina. Em certa medida, são estes os "borrões" (*blots*) que a câmara de Weber – também autora da história – enfrenta em

THE BLOT, expondo uma situação flagrante de desarmonia social no caso de Amelia Griggs, jovem esbelta que tem como pretendentes um homem pobre e um homem rico. Ela própria, filha de um professor, vive numa situação de necessidade, algo que se torna especialmente problemático quando adocece, ponderando sua mãe endividar-se para comprar "comida nutritiva". Uma das características mais exaltadas em Weber está presente neste filme: a vontade de expor "os borrões sociais" sem ingressar numa visão maniqueísta da vida – é esta maturidade humanista, pré-reinoiriana, que hoje mais nos surpreende. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

▶ Sexta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CURTAS METRAGENS DE SARAH MALDOROR

FOGO, L'ÎLE DE FEU

Cabo Verde, 1979 – 34 min

UN CARNAVAL DANS LE SAHEL

Cabo Verde, 1979 – 28 min

A BISSAU, LE CARNAVAL

Guiné-Bissau, 1980 – 18 min

de Sarah Maldoror

duração total da projeção: 80 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Três curtas-metragens filmadas em Cabo Verde e na Guiné-Bissau na transição para os anos oitenta, em que Sarah Maldoror explora o significado de uma identidade africana, a sua história e cultura através das festas e manifestações populares, conferindo grande destaque ao Carnaval. Como no último destes filmes afirma Luís Cabral, "foi a capacidade de resistência cultural do nosso povo que nos deu a força necessária para conduzir a resistência política e militar". O papel essencial da cultura é assim revelado pela força e beleza das máscaras e pela música e dança que as acompanham, como o será em toda a posterior obra de Sarah Maldoror. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exibir em cópias digitais.

FILMES PORTUGUESES EM CÓPIAS NOVAS

Fruto do trabalho do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento da Cinemateca Portuguesa, vamos apresentar três filmes portugueses que foram objeto de recentes trabalhos de restauro digital ou de tiragem de novas cópias em 35mm, cujos resultados se dão agora a ver, pela primeira vez, na Sala M. Félix Ribeiro. Entre essas sessões está – abril *oblige* – a nova versão restaurada digitalmente de *AS ARMAS E POVO*.

▶ Terça-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O MOVIMENTO DAS COISAS

de Manuela Serra

com participação da população de Lanheses

Portugal, 1985 – 85 min, legendado em inglês | M/12

COM A PRESENÇA DE MANUELA SERRA

O MOVIMENTO DAS COISAS é um dos filmes mais curiosos que nas décadas de setenta e oitenta abordaram o universo rural do norte português. Começado a desenvolver no interior da Cooperativa VirVer, em cujos projetos Manuela Serra trabalhou durante vários anos, só seria concluído algum tempo depois. Contudo, tudo aquilo que terá sido a razão de ser da maior parte dos outros filmes documentais, sobretudo etnográficos, parece ter sido aqui depurado, senão eliminado, gerando outros sentidos. A sua simplicidade só parece ter paralelo na discricção com que foi recebido (nunca chegou a estrear comercialmente). Precisou este "filme sobre o tempo" de uma prova do tempo? A exibir em cópia digital.

▶ Quinta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CARTAS NA MESA

de Rogério Ceitil

com José Jorge Letria, José Ceitil, Guida Maria,

José Amador, Fernando Assis Pacheco

Portugal, 1973 – 95 min | M/12

A história dos encontros e das relações entre um jorna-

lista e um fotógrafo na Lisboa de 1973. Vindo do cinema amador e dos cineclubes, Rogério Ceitil começou por assinar GRANDE, GRANDE ERA A CIDADE (1971), uma obra em que contara com a colaboração de Lauro António e que nunca foi estreada por interdição da Censura após uma única exibição no Festival de Santarém de 1972. Mercê da pequena história de uma disputa de autoria referente a esse primeiro filme (de que o argumento de CARTAS NA MESA terá sido evocação), as referências a esta segunda obra acabaram por ser parcialmente desviadas do que mais contaria, a saber, o facto de estar em causa uma das raras incursões do nosso cinema da altura num tipo de filmagem direta e dir-se-ia desarmada, que, para além de possíveis fraquezas intrínsecas, carecia tanto de tradição como de contexto. Filmado poucos meses antes do 25 de Abril, estreou-se em janeiro de 1975, porventura mais uma vez desenquadrado. A exibir em cópia nova 35mm.



O MOVIMENTO DAS COISAS

▶ Sábado [24] 11h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AS ARMAS E O POVO

de colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica

Portugal, 1975 – 81 min / legendado em inglês | M/12

Acácio de Almeida, José de Sá Caetano, José Fonseca e Costa, Eduardo Gada, António H. Escudeiro, Fernando Lopes, António de Macedo, João Moedas Miguel, João César Monteiro, Glauber Rocha, Elso Roque, Alberto Seixas Santos, Artur Semedo, Fernando Matos Silva, João Matos Silva, Manuel Costa e Silva, Luis Galvão Telles, António da Cunha Telles, António-Pedro Vasconcelos são os nomes por trás do coletivo que assina o mais célebre filme de abril da cinematografia portuguesa, num retrato a quente e em cima do acontecimento: do 25 de Abril ao 1º de Maio de 1974. Um documento inestimável.

COM A LINHA DE SOMBRA

Retomando a sua regular atividade editorial, a Cinemateca publica em abril dois novos livros e faz acompanhar esses lançamentos, em colaboração com a livraria Linha de Sombra, de sessões de cinema. O primeiro livro, *A Coleção Colonial da Cinemateca*, com textos de Joana Pimentel e uma longa entrevista com ela, aborda essa componente do património cinematográfico português preservado pela Cinemateca e é dedicado à memória desta nossa colega, falecida em 2018. Primeira responsável pela área de prospecção e depósitos no Departamento de Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, Joana Pimentel, que nos acompanhou ao longo de vinte e oito anos, destacou-se muito especialmente pelo seu trabalho pioneiro com os acervos relacionados com as colónias portuguesas nas suas múltiplas vertentes, sendo não apenas impulsionadora direta da salvação de boa parte deles como a sua primeira *investigadora moderna*, pelo olhar atento, já distanciado e pela primeira vez global (não apenas cronístico ou sociológico) que lhes dedicou. O lançamento do livro antecede a projeção de *DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS...*, de Joaquim Lopes Barbosa, numa sessão que se converte assim numa dupla homenagem, evocando também este realizador singular, falecido já este ano, que foi do Porto para África (primeiro Angola, depois Moçambique) e, no coração da realidade colonial, levou a cabo o gesto corajoso, e inevitavelmente maldito, de criar uma longa-metragem... anticolonial.

O segundo livro agora publicado pela Cinemateca, *Luis Miguel Cintra: O Cinema*, "fecha" o Ciclo de cinema com o mesmo nome que organizámos em 2017 dedicado a este ator essencial do cinema português das últimas décadas. No coração do livro está uma extensa conversa com Luis Miguel Cintra, para além de alguns testemunhos. A anteceder e a suceder o lançamento do livro na presença de Luís Miguel Cintra no dia 29 de abril, às 18h00, na livraria Linha de Sombra, apresentamos dois documentários sobre o fundamental trabalho do Teatro da Cornucópia e do percurso de Luis Miguel Cintra: *A ILHA*, de Ricardo Aibéo, e *6 GRADOS: LUIS MIGUEL CINTRA 10.2006-07.2014*, de Pablo Llorca, prolongando-se esta sessão com uma conversa com o ator e encenador.

O terceiro lançamento do mês na Linha de Sombra é dedicado à mais recente obra de José Bértolo — *Spectros do Cinema — Manoel de Oliveira e João Pedro Rodrigues*, "galeria de retratos de figuras que, como se diz em BENILDE, «não são deste mundo», figuras fantasmáticas, prometidas a uma existência liminar, que adquirem uma espécie de inteireza justamente na sua inconsistência ótica" (da sinopse do livro), e antecederá a exibição dos filmes *VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES* (também apresentado este mês no contexto da antevisão do Ciclo A Casa) e *OÙ EN ÊTES-VOUS JOÃO PEDRO RODRIGUES?*

► Sexta-feira [23] 19h30 | Sala M. Félix Ribeiro
ATENÇÃO AO HORÁRIO

DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS...

de Lopes Barbosa
com Gabriel Chiau, Helena Ubisse, Estêvão Macunguel
Portugal, 1972 – 71 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS..., única longa-metragem de Joaquim Lopes Barbosa (1944-2021), foi rodada entre 1971 e 1972 nos arredores de Lourenço Marques (atual Maputo) e no norte de Moçambique, onde



6 GRADOS: LUIS MIGUEL CINTRA 10.2006-07.2014

o realizador se radicara após uma estada em Angola. Inspirado no poema *Monangamba*, de António Jacinto, e no conto *Dina*, de Luís Bernardo Honwana, o filme denuncia a violência do colonialismo e foi interpretado por atores negros empregados em repartições públicas, nos caminhos de ferro e em bancos. Falado em ronga, um dialeto do sul de Moçambique, em português e em inglês, *DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS...* seria proibido na íntegra pela censura. A apresentar em cópia nova em 35mm.

A sessão é antecederida, às 18h30, pelo lançamento do livro *A Coleção Colonial da Cinemateca*, de Joana Pimentel, na livraria Linha de Sombra.

► Segunda-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

OÙ EN ÊTES-VOUS, JOÃO PEDRO RODRIGUES?

de João Pedro Rodrigues
com João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata
Portugal, França, 2018 – 21 min

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES

de Manoel de Oliveira
com Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira, Urbano Tavares Rodrigues, Teresa Madruga, Diogo Dória
Portugal, 1982 – 68 min
duração total da projeção: 89 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOSÉ BÉRTOLO

Realizado no início dos anos oitenta para ser visto como filme póstumo, *VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES* levou Manoel de Oliveira a filmar a casa da Rua Vilarinha, no Porto, projetada pelo arquiteto José Porto, que fez construir e foi a sua casa de família desde que se casou em 1940 e durante cerca de quatro décadas mas foi forçado a vender. É um filme autobiográfico, de "memórias e confissões", facto que esteve na origem da vontade do realizador em mantê-lo inédito durante o seu tempo de vida. "Uma casa é uma relação íntima, pessoal, onde se encontram as raízes", "a meu pedido, a Agustina fez um texto, muito bonito, a que chamou *Visita*. E eu acrescentei-lhe algumas reflexões sobre a casa e sobre a minha vida" (Manoel de Oliveira). Parte de uma série de auto-retratos filmados encomendados pelo Centro Pompidou a realizadores, *OÙ EN ÊTES-VOUS, JOÃO PEDRO RODRIGUES?* explora a relação do cineasta com o seu trabalho, com destaque para o filme *O ORNITÓLOGO*, através de uma colagem de imagens líricas e narração reflexiva.

A sessão é antecederida, às 18h00, do lançamento do livro *Spectros do Cinema — Manoel de Oliveira e João Pedro Rodrigues*, de José Bértolo, na livraria Linha de Sombra com apresentação de Clara Rowland e Francisco Frazão.

► Quinta-feira [29] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro
ATENÇÃO AO HORÁRIO

A ILHA

de Ricardo Aibéo
Portugal, 2013 – 60 min | M/12

COM AS PRESENCAS DE RICARDO AIBÉO (a confirmar) E LUIS MIGUEL CINTRA

A ILHA, um dos vários documentários dedicados ao Teatro da Cornucópia, e porventura um dos mais atentos de entre eles, é um filme de Ricardo Aibéo, ator que regularmente colaborou com a companhia, e foi rodado em 2009 durante a preparação de *A Tempestade*, de Shakespeare. Registo dos ensaios, é também um olhar afetivo sobre a Cornucópia, tendo sido anteriormente exibido no Ciclo que a Cinemateca organizou, em 2013, por ocasião do 40º aniversário da companhia.

► Quinta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CONVERSA COM LUIS MIGUEL CINTRA / 6 GRADOS: LUIS MIGUEL CINTRA 10.2006-07.2014

de Pablo Llorca
Espanha, 2021 – 60 min | M/12

COM AS PRESENCAS DE PABLO LLORCA E LUIS MIGUEL CINTRA

Uma conversa com Luis Miguel Cintra a pretexto do lançamento do catálogo que lhe é dedicado pela Cinemateca. O encontro abre com a exibição de um documentário inédito assinado por Pablo Llorca (realizador espanhol com quem Luis Miguel Cintra colaborou em mais do que uma ocasião). *6 GRADOS: LUIS MIGUEL CINTRA 10.2006-07.2014* revisita alguns momentos do trabalho do criador, ator e encenador do Teatro da Cornucópia, registados ao longo de ensaios e espetáculos durante quase toda a última década de existência desta fundamental companhia teatral.

A sessão é antecederida, às 18h00, do lançamento do livro *Luis Miguel Cintra: O Cinema*, na livraria Linha de Sombra.

19 SEGUNDA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
THE REVOLT OF MAMIE STOVER
Raoul Walsh

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
LA MER (BAIGNADE EM MER)
Louis e Auguste Lumière
A SEA CAVE NEAR LISBON
Harry Short
FINIS TERRAE
Jean Epstein

20 TERÇA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
THE RIVER'S EDGE
Allan Dwan

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Filmes Portugueses em Cópias Novas
O MOVIMENTO DAS COISAS
Manuela Serra

21 QUARTA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
THE LOCKET
John Brahm

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
SONNENSTRAHL
Pál Fejos

22 QUINTA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
MULHOLLAND DRIVE
David Lynch

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Filmes Portugueses em Cópias Novas
CARTAS NA MESA
Rogério Ceitil

23 SEXTA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
LE FOND DE L'AIR EST ROUGE
Chris Marker

19h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO **ATENÇÃO AO HORÁRIO**
Com a Linha de Sombra
DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS...
Joaquim Lopes Barbosa

24 SÁBADO

11h00 | SALÃO FOZ | **Cinemateca Júnior**
Sábados em Família

TITO E OS PÁSSAROS
Gustavo Steinberg, Gabriel Bitar,
André Catoto

11h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Filmes Portugueses em Cópias Novas
AS ARMAS E O POVO
colectivo de Trabalhadores da
Actividade Cinematográfica

26 SEGUNDA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
ARU KYOUNHAKU
"Intimidação"
Koreyoshi Kurahara

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Com a Linha de Sombra
OÙ EN ÊTES-VOUS, JOÃO PEDRO RODRIGUES?
João Pedro Rodrigues
VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES
Manoel de Oliveira

27 TERÇA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
PAPER MOON
Peter Bogdanovich

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
HUIS-CLOS
Jaqueline Audry

28 QUARTA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
SEDOTTA E ABBANDONATA
Pietro Germi

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
NACHRICHTEN AUS DER IDEOLOGISCHEN ANTIKE: MARX – EISENSTEIN – DAS KAPITAL
"Notícias da Antiguidade Ideológica:
Marx, Eisenstein, 'O Capital'"
Alexander Kluge

29 QUINTA-FEIRA

16h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO **ATENÇÃO AO HORÁRIO**
Com a Linha de Sombra
A ILHA
Ricardo Aibéo

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Com a Linha de Sombra
CONVERSA COM LUIS MIGUEL CINTRA / 6 GRADOS: LUIS MIGUEL CINTRA 10.2006-07.2014
Pablo Llorca

30 SEXTA-FEIRA

15h30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
THE BLOT
Lois Weber

19h00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
Brevemente neste Cinema
FOGO, L'ÎLE DE FEU
UN CARNAVAL DANS LE SAHEL
A BISSAU, LE CARNAVAL
Sarah Maldoror

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 euros
Estudantes, Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos: 2,15 euros
Amigos da Cinemateca, Estudantes de Cinema: 1,35 euros
Amigos da Cinemateca — marcação de bilhetes: tel. 213 596 262
Horário da bilheteira: de 8 a 16 de abril, de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 18h30 e das 10h00 às 11h00 de sábado, dia 24 de abril; de 19 a 30 de abril, de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 15h30, das 17h30 às 19h30 — tel. 213 596 262
Venda online em cinemateca.bol.pt
Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda — Sexta-feira, 14h00 — 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda — Sábado, 13h00 — 22h00 (213 540 021)
Restaurante-Bar, Segunda — Sábado, 12h30 — 01h00
Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida
Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

CINEMATECA JÚNIOR | SALÃO FOZ, RESTAURADORES

Horário da bilheteira: de segunda a sábado, das 10h00 às 17h00
Venda online em cinemateca.bol.pt
Adultos: 3,20 euros; Júnior (até 16 anos): 1,10 euros

Tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759
Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa